

**SEDUÇÃO E DESAFIOS DA BIOGRAFIA NA HISTÓRIA**

Priscila Musquim Alcântara de Oliveira*

Alexandre Luís de Oliveira**

Resumo: Este trabalho se propõe a discutir alguns problemas que perpassam a escrita biográfica e a análise de trajetórias individuais no campo da história, buscando trazer à discussão o leque de alternativas metodológicas que são possíveis ao historiador ao investigar um problema a partir do estudo de uma vida, bem como os desafios a serem transpostos ao longo deste percurso.

Palavras-chave: biografia; trajetórias; história.

SEDUCTION AND CHALLENGES OF BIOGRAPHY IN HISTORY

Abstract: This article analyzes problems inserted in biographical writing and individual careers in history research. The objective is to bring to the discussion of the methodological possibilities that are possible for the historian to investigate a problem from the study of a lifetime, and the challenges to be overcome along this route.

Keywords: biography; trajectories; history.

A aposta na construção de uma pesquisa no campo da história partindo de uma biografia ou uma trajetória individual pode trazer a falsa ideia de um sucesso garantido. Levando em conta o mercado editorial, esse tipo de publicação representa um grande potencial de vendas. No entanto, no meio acadêmico, no campo da história, as

*Doutoranda em História – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, linha de pesquisa Poder, Mercado e Trabalho. Desenvolve a pesquisa contemplada com bolsa oferecida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contato: priscila.musquim.alcantara@gmail.com.

**Doutorando em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Linha de pesquisa: Sociedade, Urbanização e Imigração. Área de Concentração: História das Sociedades Ibéricas e Americanas. Desenvolve a pesquisa contemplada com bolsa oferecida pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Contato: alexandreoliveiraluis@gmail.com.



biografias e trajetórias são vistas com cautela e a cada trabalho é colocada a mesma questão: como a análise de uma vida pode contribuir para ampliar o conhecimento sobre determinado assunto no campo da história?

Entre as fontes de pesquisa para a construção de biografias o historiador entrará certamente em contato com correspondências pessoais, diários, bibliotecas particulares, que lhe propiciarão um acesso irresistível à intimidade do biografado, informações bombásticas ou pitorescas a respeito de seu cotidiano que, dependendo do sujeito em questão, poderá garantir ao futuro autor uma expressiva projeção entre as centenas de biografias nas prateleiras das grandes livrarias, sem que, no entanto, tenha dado uma contribuição significativa ao campo da história.

A biografia não deve ser encarada como uma nova tendência no campo da história. No século XIX eram muito bem aceitas as biografias dos chamados grandes homens, seguindo a ideia de Leopold von Ranke de que para ser interessante, a biografia deveria ter como objetivo narrar uma existência pessoal que atingiu uma dimensão universal. A ideia do espírito dos grandes homens estava presente. Para Thomas Carlyle, esses homens encarnavam a essência do pensamento¹.

Durante boa parte do século XX, a biografia histórica, bem como o acontecimento, foi encarada como superfície da história, em função da tripla influência de Marx, Durkheim e Braudel. As análises no campo da história valorizavam as estruturas socioeconômicas e a longa duração, partindo de uma consciência social externa ao indivíduo. As análises eram, portanto, totalizantes. Os modelos explicativos genéricos tinham muita influência. Mas com o descrédito das totalizações e dos modelos explicativos, o interesse pelas trajetórias individuais retornou ao campo da história, mas não como um regresso dos modelos então conhecidos no século XIX. Esse gênero volta com uma problemática muito diferente, no centro de uma renovação de instrumentos conceituais e metodológicos da história que levam inclusive a repensar a relação entre o homem e a história². A biografia abre um diálogo com a crítica à história

¹ LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques(org.). *Jogos de escalas. A experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998. 233-237.

² Ver: SCHIMIDT, Benito. A biografia histórica: o “retorno” do gênero e a noção de “contexto”. In: GUAZZELI, César Augusto Barcellos et al. (org.). *Questões da teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000. p.123



política tradicional e em discussões presentes na história social, cultural e micro-história. Dialoga também com a literatura, problematizando fronteiras entre história e ficção. Mantém uma relação muito próxima com a antropologia, abordando o papel dos símbolos sociais, subjetividade e da memória. Muitos dos problemas enfrentados pela biografia não lhe são exclusivos. Estão presentes na confluência das questões que vem sendo enfrentadas pela escrita da história desde os anos 1980³.

Este trabalho se propõe a discutir alguns problemas que perpassam a escrita biográfica e a análise de trajetórias individuais no campo da história, buscando trazer à discussão o leque de alternativas metodológicas que são possíveis ao historiador ao investigar um problema a partir do estudo de uma vida, bem como os desafios a serem transpostos ao longo deste percurso.

As múltiplas dimensões de uma vida

A biografia ganha holofotes no campo da história representando o interesse em recuperar o sujeito nas análises e a capacidade de arbítrio, em especial, de pessoas que fogem ao estereótipo dos grandes homens do século XIX, como mulheres, operários, *pessoas comuns*. No entanto, não exclui de suas análises personagens de projeção mais ampla. Na história política, a biografia histórica contribui para problematizar algumas figuras históricas cuja imagem foi sendo construída e utilizada por partidos e projetos políticos, como o caso de Getúlio Vargas, João Goulart, Juscelino Kubitschek, Leonel Brizola, entre tantos. Por estas análises, mitos são desconstruídos a medida que esses trabalhos revelam os aspectos humanos presentes em tais figuras. Hesitações, conflitos e contradições presentes nessas trajetórias vem à tona ao longo da pesquisa sobre a vida desses indivíduos, em especial por meio de fontes como cartas, diários pessoais e registros de memórias. Um registro mais íntimo do indivíduo, compondo o que a historiografia classifica como *práticas de escrita de si* permite visualizar as múltiplas

³ XAVIER, Célia Regina Lima. O desafio do trabalho biográfico. In: Regina Célia Lima Xavier et al. (Org.). *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre, 2000, v. 1, p.162



dimensões de uma vida⁴: o indivíduo, em seu círculo familiar, sua linguagem e seus problemas pode apresentar-se muito diferente se comparado aos registros desse mesmo indivíduo referentes a um círculo de amigos mais íntimos que por sua vez, difere-se de declarações oficiais publicadas em jornais. Cada um desses registros contribui de maneira significativa para compreensão da trajetória da vida do biografado. Não se pode esperar encontrar ao longo da pesquisa uma sequência coerente de acontecimentos e posturas semelhantes em todos os âmbitos, do lar ao trabalho. Essas fontes devem ser contrastadas e exploradas de modo a compor as múltiplas dimensões do indivíduo para que não se caia na armadilha da *ilusão biográfica*, ou seja, aceitar o princípio que supõe a existência de um “eu” que segue uma trajetória linear e coerente, acreditando que determinadas fontes são realmente capazes de traduzir o que *realmente aconteceu*, como se fosse viável recuperar uma suposta *verdade*.

Não há um registro que possamos classificar como mais *verdadeiro* e cabe ao historiador não aceitá-los como verdade absoluta. Essas fontes devem ser submetidas à crítica do pesquisador, que precisa levar em conta quem as produziu e em que contexto se deu a produção. O historiador George Duby, autor do livro *Guilherme, o marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*, usou como uma de suas fontes principais um poema escrito em homenagem a Guilherme, mas chamou atenção a respeito da memória repassada pelas gerações seguintes do cavaleiro. “*escutemos suas palavras (...) essas que eles julgaram dignas de sua glória*”, ressaltando assim a ação seletiva no ato da construção de sua fonte, em que seriam privilegiados aspectos que contribuísem para a exaltação da memória de seu biografado, ao passo que qualquer informação que pudesse comprometê-lo, foram ocultados⁵.

O indivíduo, a sociedade e as redes.

⁴Cf. GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

⁵DUBY, Georges - *Guilherme, o Marechal : o melhor cavaleiro do mundo*. Lisboa :Gradiva, D. L. 1986. 135. APUD: SCHMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias...Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos.*Revista Estudos Históricos*. Fundação Getúlio Vargas. v. 10, n. 19 (1997). Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2040>. Acesso em: 20 de novembro de 2014.



Pierre Bourdieu ressalta que é indispensável levar em conta a pluralidade de campos em que o indivíduo se insere, buscando assim reconstruir o contexto, a *superfície social* em que age⁶.

Nas ciências sociais – sociologia, história e antropologia, tem-se evidenciado nas últimas décadas um expressivo esforço no sentido de restituir as ações, estratégias e representações dos indivíduos, bem como as relações que lhes servem de ligação⁷. As análises de trajetórias individuais se inserem nesse esforço. Ponto de partida teórico e metodológico para o estudo do indivíduo deve ser a relação indissociável entre indivíduos e sociedade, como a proposta por Norbert Elias. Para o sociólogo, cada indivíduo depende de maneira funcional de outros indivíduos. Cada pessoa representa um elo nas cadeias que o conectam a outros indivíduos, assim como todos os demais, direta ou indiretamente, são elos nas cadeias que o prendem. São cadeias elásticas, mutáveis que, embora não visíveis, possuem força e são reais. Essa é a rede de funções que as pessoas desempenham uma com relação a outra. É o que definimos como sociedade⁸.

Essa relação entre indivíduo e sociedade é de expressiva relevância para o estudo de trajetórias individuais, pois afasta a ideia de analisar o indivíduo de maneira atomizada, sem levar em conta sua inserção na sociedade ao longo de sua trajetória. Segundo Pierre Bourdieu,

é impossível compreender uma trajetória (isto é, o *envelhecimento social* que, embora o acompanhe de forma inevitável, é independente do envelhecimento biológico) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, no conjunto das relações objetivas que uniram o agente considerado - pelo menos em certo número de estados pertinentes – ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis. Essa construção prévia também é a condição de qualquer avaliação rigorosa do que podemos chamar de superfície social, como descrição rigorosa da personalidade designada pelo nome próprio, isto é, o conjunto das posições simultaneamente ocupadas num dado momento por uma individualidade biológica socialmente instituída e que age como suporte de um conjunto de

⁶Cf. BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína (org). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.

⁷ BOURDIEU, Pierre. CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: autêntica editora, 2011. p.45.

⁸ ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994 p.23



atributos e atribuições que lhe permite intervir como agente eficiente em diferentes campos⁹.

Essa relação entre o indivíduo com o conjunto de outros indivíduos pode ser melhor compreendida por meio do conceito de redes sociais. Análises de redes sociais (*social network analysis*) permitem o estudo das teias que se formam por meio das interações humanas. Esta metodologia permite observar as dinâmicas das conexões sociais, como amizade e parentesco. Trata-se de um procedimento teórico e metodológico muito utilizado entre antropólogos e sociólogos no estudo das fontes do passado, que foi desenvolvido no final dos anos 1960, com os trabalhos pioneiros de Elisabeth Bott, Jeremy Boissevain, Clyde J. Mitchell e J. A. Barnes¹⁰. A preocupação central da abordagem das redes sociais consiste nos tipos e formas de relacionamento que são mantidos pelas unidades de análise (que podem ser pessoas, vilarejos, empresas).

Uma das definições de rede consiste em considerá-la como sendo todas ou algumas unidades sociais com as quais um indivíduo particular ou grupo está em contato. Bott e Mitchell classificam-na de rede *pessoal* ou *egocêntrica*. Elisabeth Bott ressalta que a utilização do conceito de rede nos estudos das relações sistema/meio social, mais especificamente nos estudos sobre o indivíduo em seu meio social enfatiza, não tem como finalidade a compreensão do indivíduo enquanto tal, em seu aspecto psicológico. Muitas vezes, “*a natureza da interação informal que é o foco do interesse-amizade ou parentesco enquanto tais*”¹¹.

O debate sobre redes gira em torno de questões relativas à medida, forma como a rede potencial é de fato, aproveitada, a intensidade das relações envolvidas em sua

⁹ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janaína (org). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, p.190.

¹⁰ Podemos indicar como trabalhos pioneiros as seguintes publicações: BARNES, J. A. Networks and Political Process. In *Social Networks in Urban Situations: Analysis of Personel Relationships in Central Africa Towns*, edited by J. Clyde MITCHELL. Manchester: The University Press, 1969; BOISSEVAIN, Jeremy. Network Analysis: a reappraisal. *Current Anthropology*. vol. 20. n.2 (Jun. 1979) 392-394. BOTT, Elisabeth. *Família e Rede Social. Papéis, Normas E Relacionamentos Externos Em Famílias Urbanas Comuns* Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. MITCHELL (Ed.), *Social Networks in urban situations: Analysis of personel relationships in Central Africa Towns*. Manchester: The University Press.

¹¹ BOTT, Elisabeth. *Família e Rede Social. Papéis, Normas E Relacionamentos Externos Em Famílias Urbanas Comuns*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. P. 299-306.



estrutura e à sua manutenção no tempo. Esse conjunto consiste nas formas de classificar os agentes, que propiciariam ao pesquisador identificar os grupos com um relativo grau de clareza e a partir de então, destacar mediadores, que atuam como conectores de grupos diferentes em diversos ambientes¹². A metodologia é associada a pesquisas realizadas de forma direta com informantes, por meio da aplicação de questionários padronizados que posteriormente, são quantificados. Tiago Luís Gil afirma que embora a adoção dessa metodologia, tal como pensada por Barnes, não pareça aplicável a uma pesquisa em história em uma circunstância onde não se possa contar com uma quantidade homogênea de fontes para um mesmo grupo a ser identificado ou sem fontes preparadas de maneira exclusiva para a pesquisa, é interessante aplicá-la sem valer-se de medições precisas, em uma tentativa de avaliar o impacto dos laços sociais na vida das pessoas¹³.

A cronologia na escrita biográfica

A opção por manter-se fiel a cronologia da vida do biografado na escrita de uma biografia histórica pode levar o pesquisador a uma concepção que trata o indivíduo como sendo dotado de uma personalidade coerente, responsável por ações pontuais e isentas de incertezas.

Pierre Bourdieu sinaliza os riscos de narrativas biográficas que, orientadas pela cronologia, apresentam ao leitor uma vida marcada por uma identidade coerente, livre de contradições. Assim, o resultado poderia ser a escrita de uma trajetória de vida linear, a qual poderia ser atribuído um sentido artificial¹⁴. Desde que o combate ao positivismo foi iniciado pela *Escola dos Annales*, a metodologia de coleta de dados e sua organização estritamente cronológica para a partir daí ser feita uma análise crítica buscando recuperar a história de maneira objetiva, como realmente ocorreram os fatos

¹² GIL, Tiago Luís. Elites locais e suas bases sociais na América Portuguesa: uma tentativa de aplicação das *social network analysis*. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. vol. 3 nº 6, dezembro de 2011. p.82-83.

¹³ Gil utiliza a noção de redes e densidade de redes para investigar agentes sociais que viviam no final do século XVIII no sul da América Portuguesa. Ver: GIL, Tiago Luís, Op. cit. p.84.

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. op. cit. P.193-192



já não satisfazia a pesquisa em história. Espera-se atualmente que o gênero biográfico em história recupere a tensão entre as vivências objetivas e a relação com o subjetivo, conseguindo assim problematizar tanto o que é singular quanto a dimensão mais simbólica dessas vivências, permitindo desta maneira que a ação dos indivíduos elucide uma história mais geral. Assim, uma biografia histórica não pode ser um trabalho restrito a informações a respeito do que o biografado fez em vida. Por mais minuciosa que seja a pesquisa, não trará grandes contribuições se não levar em conta as representações sociais e não apenas a existência do indivíduo, sem relacioná-la ao seu meio social¹⁵.

Além disso, ainda que o historiador seja capaz de empreender sua análise biográfica obedecendo a cronologia da vida do biografado sem que seu trabalho se resulte em uma construção artificial gerada pela ilusão de que a trajetória do biografado consiste em um conjunto de ações pontuais e coerentes, o texto condicionado a uma estrutura cronológica rígida pode resultar em uma leitura enfadonha, dentro e fora do meio acadêmico. Um recurso utilizado não só por jornalistas, mas também por historiadores, é o *flashback*. Iniciar a narrativa com passagens decisivas da vida do biografado ou mesmo com a sua morte pode tornar o texto bem mais atrativo.

Biografia e literatura: entre a verdade e o verossímil.

A biografia na história envolve uma conexão com outras disciplinas, em especial com a antropologia e com a literatura. No âmbito da metodologia de análise das interações sociais do biografado por grupos, redes e em sua família, a discussão proposta pela antropologia, já apresentada neste trabalho, contribuiu de forma essencial para a pesquisa. Em relação à literatura, a relação pode ser encontrada nas técnicas narrativas na abordagem dos atores envolvidos na obra a ser escrita. Essa aproximação não é recente, e pode ser encontrada desde a Antiguidade.

Se entre a década de 1920 a 1960, a história narrativa foi combatida pelos *Annales*, que apresentaram como proposta a história problema estrutural, o estilo de

¹⁵ Cf. XAVIER, Célia Regina Lima. Op. Cit.



abordagem por ela proposto, mais descritivo, com o foco no indivíduo, não foi abandonado pela história. Embora a expressão “retorno da narrativa” seja difundida em algumas obras¹⁶, Roger Chartier ressalta que a história sempre foi narrativa e nesse sentido, o que se verificou foi uma preferência dada a outras formas de narrativa em detrimento daquelas que tinham como objeto a análise do indivíduo¹⁷.

Sandra Pesavento também destaca essa proximidade entre a história e literatura

Clío se aproxima de Calíope, sem com ela se confundir. História e literatura correspondem a narrativas explicativas do real que se renovam no tempo e no espaço, mas que são dotadas de um traço de permanência ancestral: os homens, desde sempre, expressaram pela linguagem o mundo do visto e do não visto, através das suas diferentes formas: a oralidade, a escrita, a imagem, a música¹⁸.

Pesavento ressalta que tanto a literatura quanto a história consistem em narrativas e ambas possuem o real como parâmetro. Ao terem o indivíduo como objeto, necessitam então articular esses indivíduos e as tramas ao longo das trajetórias e empreender em suas obras a mediação entre essas tramas e personagens e o leitor, entre a escrita e a leitura. Se o processo a princípio pode parecer semelhante à literatura e a história, é necessário ressaltar que ao historiador não é permitida a criação de personagens. No máximo, o resgate de indivíduos até então pouco ou nada conhecidos, mas que existiram. Esse resgate e a construção de uma narrativa que os envolva deve ser construída por meio de fontes documentais.

Neste campo temos também um narrador – o historiador – que tem também tarefas narrativas a cumprir: ele reúne os dados, seleciona, estabelece conexões e cruzamentos entre eles, elabora uma trama, apresenta soluções para decifrar a intriga montada e se vale das estratégias de retórica para convencer o leitor, com

¹⁶ Ver: STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. In *Revista de História*. Campinas/SP: UNICAMP. Nº2/3. Primavera 1991.

¹⁷ CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: v.7, n.13, 1994, p.103. APUD: SCHMIDT, Benito. Biografia: um gênero de fronteira entre a história e a literatura. Biografia: um gênero de fronteira entre a história e a literatura. In: RAGO, Margareth & GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira. *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000.

¹⁸ PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevo*. Janeiro de 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/1560>>. Acesso em 20 de novembro de 2014.



vistas a oferecer uma versão o mais possível aproximada do real acontecido.

A busca por construir uma narrativa que seja o mais próxima possível do que de fato aconteceu não deve ser confundida com o objetivo pelo resgate de uma possível verdade. Em seu trabalho, o historiador deve buscar a *verossimilhança*, o que não é sinônimo de *verdade*¹⁹. A ideia de verdade para a história e outras ciências sociais implica em uma série de problemas que remetem ao positivismo. Segundo Carlo Ginzburg

Há um elemento no positivismo que deve inequivocadamente ser rejeitado: a tendência para simplificar a relação entre evidência e realidade. Na perspectiva positivista, a evidência é analisada apenas para determinar se, e quando, ela implica em distorção, seja intencional ou sem intenção. O historiador é, por conseguinte, confrontado com várias possibilidades: o documento pode ser falso; o documento pode ser autêntico, mas duvidoso na medida em que a informação dele proveniente pode ser mentirosa ou errada; ou o documento pode ser autêntico e confiável. No primeiro dos dois casos, a evidência é desprezada; no último caso, a evidência é aceita, mas apenas como evidência de *outra* coisa. Noutras palavras, a evidência não é considerada documento histórico em si mesmo, mas como um meio que se compreende prontamente – como uma janela aberta que nos dá acesso direto à realidade²⁰.

Ginzburg ressalta que os historiadores, mesmo aqueles que se proponham a analisar o tempo presente, jamais apreendem a realidade de maneira direta. As análises históricas são inferenciais. A submissão das fontes à crítica, no entanto, não deve ter como finalidade a seleção daquilo que é verdadeiro e o descarte do que é falso e sim o objetivo de compreender os aspectos que envolveram sua construção e, no caso de evidências forjadas, analisar as razões que levaram a falsificação pode contribuir de maneira expressiva para a pesquisa.

¹⁹ Idem.

²⁰ GINZBURG, Carlo. Verificando a evidência: o juiz e o historiador. *Notícia bibliográfica e histórica*. Campinas, n.202, p.8, janeiro/junho 2007.



A biografia no campo da história ressurgiu carregada de novas exigências, mas também de múltiplas ferramentas propiciadas pelo diálogo interdisciplinar com a antropologia e a literatura. Entre as razões para o seu retorno, uma é externa ao meio acadêmico, que consiste na demanda na sociedade por informações acerca da vida alheia, ou para encontrar elementos que aproxime pessoas de projeção social, como políticos, artistas e esportistas de pessoas *comuns*. Imperfeições, tropeços e anseios são os elementos buscados por milhares de leitores de biografias. O gênero no campo do jornalismo se consolidou como campeão de vendas, o que reflete o interesse da sociedade, justificado por simples *voyeurismo* ou pela busca de referenciais em termos de comportamento.

Para os historiadores, a biografia está entre o particular e o coletivo e é um meio eficaz que viabiliza a identificação de um indivíduo em um meio, permitindo, através da análise de uma vida, compreender redes, grupos, partidos, movimentos religiosos, e uma gama de organizações das quais o indivíduo analisado se inseriu, levando em conta a sua relação com os demais membros. Segundo PhillipLevillan, é possível, por meio da biografia, “*analisar as relações entre designo pessoal e forças convergentes ou concorrentes, fazer o balanço entre o herdado e o adquirido em todos os domínios*²¹”.

Referências bibliográficas

BARNES, J. A. Networks and Political Process. In *Social Networks in Urban Situations: Analysis of Personel Relationships in Central Africa Towns*, edited by J. Clyde MITCHELL. Manchester: The University Press, 1969.

BOISSEVAIN, Jeremy. Network Analysis: a reappraisal. *Current Anthropology*. vol. 20.n.2 (Jun. 1979) 392-394.

BOTT, Elizabeth. Família e Rede Social. Papéis, Normas E Relacionamentos Externos Em Famílias Urbanas Comuns Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976. MITCHELL (Ed.), *Social Networks in urban situations: Analysis of personel relationships in Central Africa Towns*. Manchester: The University Press.

²¹ LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (Org.) Por uma história política. 2. ed. Rio de janeiro: FGV, 2003, p.165.



BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes. AMADO, Janáina (org). *Usos & abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas.

BOURDIEU, Pierre. CHARTIER, Roger. *O sociólogo e o historiador*. Belo Horizonte: autêntica editora, 2011.

CHARTIER, Roger. A história hoje: dúvidas, desafios, propostas. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: v.7, n.13, 1994, p.103.

DUBY, Georges - *Guilherme, o Marechal : o melhor cavaleiro do mundo*. Lisboa: Gradiva, D. L. 1986.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

GIL, Tiago Luís. Elites locais e suas bases sociais na América Portuguesa: uma tentativa de aplicação das social network analysis. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. vol. 3 nº 6, dezembro de 2011.

GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GINZBURG, Carlo. Verificando a evidência: o juiz e o historiador. *Notícia bibliográfica e histórica*. Campinas, n.202, p.8, janeiro/junho 2007.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (Org.) *Por uma história política*. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques(org.). *Jogos de escalas*. A experiência da microanálise. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & literatura: uma velha-nova história. *Nuevo Mundo Mundos Nuevo*. Janeiro de 2006. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/1560>>. Acesso em 20 de novembro de 2014.

SCHIMIDT, Benito. A biografia histórica: o “retorno” do gênero e a noção de “contexto. In: GUAZZELI, César Augusto Barcellos etall. (org.). *Questões da teoria e metodologia da história*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

_____. Biografia: um gênero de fronteira entre a história e a literatura. Biografia: um gênero de fronteira entre a história e a literatura. In: RAGO, Margareth & GIMENES, Renato Aloizio de Oliveira. *Narrar o passado, repensar a história*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2000,



Construindo biografias...Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. *Revista Estudos Históricos*. Fundação Getúlio Vargas. v. 10, n. 19 (1997). Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2040>>. Acesso em: 20 de novembro de 2014.

STONE, Lawrence. O ressurgimento da narrativa: reflexões sobre uma nova velha história. In *Revista de História*. Campinas/SP: UNICAMP. Nº2/3. Primavera 1991.

XAVIER, Célia Regina Lima. O desafio do trabalho biográfico. In: Regina Célia Lima Xavier et al. (Org.). *Questões de Teoria e Metodologia da História*. Porto Alegre, 2000, v. 1.